



Coleção de Literatura
Brasileira

A S ELEIÇÕES PARA A Câmara dos

Deputados de 31 de outubro de 1881, as primeiras pelo voto direto, não foram favoráveis aos liberais, tendo sido Joaquim Nabuco derrotado na sua candidatura pelo 1º Distrito da Corte. Por essa época, com a morte do Barão de Vila Bela – Domingos de Sousa Leão (1819–1879) –, o Patrono da Raça Negra não mais contava com o respaldo eleitoral de sua província natal, o que só mais tarde viria a acontecer.

No maremoto do escravismo, Nabuco e outros candidatos abolicionistas foram tragados pelas ondas. De nada valera o seu entusiasmo de político iniciante, eleito deputado por Pernambuco em 1879.

Posso dizer que ocupei a tribuna todos os dias, to - mando parte em todos os debates, em todas as questões. [...] Tudo me servia para assunto de discurso; eu falava sobre ma-rinha e imigração, como sobre a iluminação ou o imposto de renda, sobre o arrendamento do vale do Xingu ou eleição direta... Tinha o calor, o movimento, o impulso do orador; não onbecia o valerá à pena? Do observador que se restringe cada vez

mais. ...1

A sua desolação é expressa em carta endereçada ao amigo Sancho de Barros Pimentel, datada de 8 de novembro de 1881:

Decididamente não fui feito para o que se chama entre nós de política. A palavra, a pena, as idéias são armas que de nada servem, e ai de quem tem outras. O caráter, o escrúpulo, a independência, o patriotismo, tudo isso não vale nada, não tem curso entre os eleitores. Felizmente não é mais o Imperador que está em causa, não é dele mais que nos podemos queixar – é de nós mesmos. Triste e infeliz nação – onde a escravidão tem triunfos aos quais todo mundo se associa com alegria selvagem!²

Perdendo a tribuna da Câmara, tomado pela amargura, Joaquim Nabuco retira-se para Londres, deixando a direção da Sociedade Brasileira contra a Escravidão e a direção do jornal O Abolicionista, em cuja edição de 10 de dezembro de 1881 transcreve, na primeira página, carta de despedida do seu principal redator. ³

Viajando em 1º de abril do ano seguinte, Nabuco reencontra, em seu exílio, a acolhida da casa do barão de Penedo, Francisco Inácio Carvalho Moreira. Na sua temporada em Londres, porém, se vê diante de dificuldades financeiras de toda ordem, sobrevivendo como correspondente do Jornal do

Comércio, de onde recebia trinta libras, e de La Razón (Montevideu), ao preço de dez libras, além de empregado da

- 1 Nabuco, Joaquim. *Minha formação*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949, p. 173.
- 2 Viana Filho, Luís. *A vida de Joaquim Nabuco*. Porto: Lello & Irmão, 1985, p. 98.
- 3 *O Abolicionista*. Organização e apresentação de Leonardo Dantas Silva. Recife: FUNDAJ – Ed. Massangana, 1988. 158 p. Fac-símile do jornal editado no Rio de Janeiro: Tip. da *Gazeta de Notícias*, entre 1º de novembro de 1880 e 1º de dezembro de 1881. (*Abolição*, v. 13.) *Sugar Factories, companhia ligada à fabricação de açúcar no Brasil, que lhe pagava dezessete libras. Residia, então, no modesto apartamento em Hanover Square, Maddoy Street, 20 A.*

No seu “desterro forçado”, onde curtia as “saudades de casa”, mas com o pensamento liberto das ingerências partidárias, bem longe dos interesses que se digladiavam no cenário político nacional, Nabuco resolveu escrever O Abolicionismo. Livro da maior importância para o conhecimento de sua doutrina; verdadeiro diagnóstico das mazelas da sociedade brasileira de então.

O primeiro de uma série cujo fim é apresentar à massa ativa de cidadãos brasileiros, com os melhores fundamentos que seja possível ao autor estabelecer as reformas que

para nós são realmente vitais, considerando-se que a vida de um país não é só vegetativa, mas também moral. Por numerosas razões, aduzidas, por assim dizer, em cada página do pre-sente volume, a emancipação dos escravos e dos ingênuos,⁴ e a necessidade de eliminar a escravidão da constituição do nosso povo, isto é, o abolicionismo, devia ter precedência às demais reformas.⁵

A publicação de O Abolicionismo, que circulou em agosto de 1883, impresso pela Tipografia de Abraham Kingdon & Co. – Londres, custara às combalidas finanças de seu autor a elevada quantia de dois contos de réis.

O livro, que recebera no seu lançamento comentários elogiosos das Gazeta de Notícias e Gazeta da Tarde, fora considerado pelo

4 Filho de escravo nascido após a promulgação da lei do Ventre Livre. Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871, que preceitua no seu art. 1º: “Os filhos da mulher escrava, que nascerem no Império desde a data desta Lei, serão considerados de condição livre.”

5 Nabuco, Joaquim. *O Abolicionismo*. Edição comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura. Fac-símile da primeira, Londres, 1883. Recife: FUNDAJ – Ed. Massangana, 1988, p. VIII. *seu biógrafo, Luís Viana Filho, como uma obra “que estava longe de emocionar os leitores. Aqui e ali, vislumbrava o dedo do gigante, mas, no conjunto, o trabalho era quase medíocre, o que não impediu de*

ser recebido festivamente pelos companheiros de ideal.’⁶

Em 1976, o historiador pernambucano Evaldo Cabral de Melo, ao receber o Prêmio Joaquim Nabuco outorgado pela Academia Brasileira de Letras ao seu livro, Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630–1654,⁷ ao contrário do escritor baiano, destacou a importância de O Abolicionismo quando o considerou o melhor livro escrito sobre o Brasil no século XIX, tornando-se o mais importante para o entendimento da formação sociocultural do povo brasileiro até a publicação de Casa-grande & senzala, em 1933.

Em agosto de 1999, por ocasião das comemorações do sesquicentenário de nascimento de Joaquim Nabuco, o mesmo Evaldo Cabral de Melo, em conferência pronunciada no Itamarati, foi mais longe ao considerar O Abolicionismo “um dos textos fundadores da sociologia brasileira”.

Ele foi, com efeito, o primeiro a articular uma visão totalizadora da nossa formação histórica, fazendo-o a partir do regime servil. Nessa perspectiva, a escravidão não constitui um fenômeno a mais, inegavelmente relevante mas devendo ser levado em conta em igualdade de condições com outros, como a monocultura ou a grande propriedade territorial. Segundo Nabuco, foi a escravidão que

formou o Brasil como nação, ela é a instituição que ilumina nosso passado mais poderosamente que qualquer outra. A partir dela, é que se definiram entre nós a economia, a organização social e a estrutura de classes, o

6 Viana Filho, Luís. *A vida de Joaquim Nabuco*, *op. cit.*, p. 104.

7 Melo, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630–1654*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.